

“CNH” E O PIBID NA EJA: CONTRIBUIÇÕES DIALÓGICAS PARA PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E CIDADANIA

Marcela Silva Grippa¹

Karen Julia Cont²

Karen Fernanda Gil Zentil³

Daiani Priscila Sala Oliveira⁴

Fabiana Marini Braga⁵

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma proposta didática desenvolvida por estudantes do curso de Pedagogia da UFSCar São Carlos, participantes do PIBID - subprojeto de Alfabetização na EJA, a partir do tema Carteira Nacional de Habilitação (CNH). O PIBID na EJA, inserido pela primeira vez no edital 10/24, assume o compromisso de ampliar o diálogo entre os diferentes sujeitos em sua atuação e favorece a formação inicial e continuada de professores. Nesse sentido, o PIBID potencializa o trabalho coletivo, envolvendo todos os agentes, do planejamento à avaliação, melhorando a relação entre teoria e prática. As pibidianas, junto com a professora da sala, desenvolveram atividades de leitura, de escrita e de cidadania, tendo por eixo as contribuições freireanas. A metodologia incluiu a utilização de recursos como vídeos, simulados, atividades escritas e trabalho em grupo. Primeiramente, abordou-se os tipos de vias e limites de velocidade, com o apoio de questões semelhantes às da prova teórica do Detran. Em seguida, discutiu-se a sinalização por meio de vídeo sobre as luzes dos veículos, relacionando-a aos temas segurança e responsabilidade no trânsito. Após a discussão, os estudantes construíram cartazes sobre segurança no trânsito, exercitando a leitura, escrita, uso de imagens e a reflexão crítica. Por fim, abordou-se as infrações graves, e os grupos localizaram infrações gravíssimas em situações cotidianas no trânsito. Vale ressaltar que todas as atividades foram avaliadas de acordo com os objetivos propostos, tendo como parâmetro as avaliações da professora e os *feedbacks* individuais e coletivos das integrantes do núcleo e dos estudantes. Como resultado, observou-se maior engajamento dos estudantes em relação à produção textual e à leitura compartilhada, além de exercícios para pensar sobre cidadania. As conclusões apontam a necessidade de estabelecer redes de diálogo e de criticidade com os/as estudantes, visando comunicação e fortalecimento com sujeitos da EJA.

Palavras-chave: EJA, alfabetização, cidadania, PIBID.

1Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, marcelagrippa@estudante.ufscar.br;

2Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, karenconti@estudante.ufscar.br

3Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, karen@estudante.ufscar.br;

4Professora de ensino fundamental da EMEB Arthur Natalino Deriggi. - São Carlos - SP, daiani.oliveira@professor.saocarlos.sp.gov.br

5Professora do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) e coordenadora de área do Subprojeto de alfabetização na EJA da Universidade Federal de São Carlos/SP - UFSCar, fabiana@ufscar.br



INTRODUÇÃO

O subprojeto “Alfabetização na EJA” compõe um dos cinco Núcleos de Iniciação à Docência (NID) da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, aprovado no edital 10/2024 do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), envolvendo 48 licenciandos/as regularmente matriculados nos cursos de Pedagogia da UFSCar, 6 supervisores/as da rede municipal da cidade de São Carlos e 2 coordenadoras institucionais que atuam no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas. O projeto Institucional, intitulado “Parceria colaborativa na formação de professores para inclusão, equidade e diversidade: pesquisas e práticas docentes contextualizadas”, visa promover, com base na colaboração entre Universidade e Educação básica, a valorização e construção da identidade profissional de futuros professores, a formação continuada dos professores alfabetizadores, de acordo com o Plano Nacional de Educação vigente, além de fortalecer os cursos de licenciatura em Pedagogia na missão de profissionalização de professores que, com compromisso ético e social, contribuam para uma sociedade que almeja a equidade e a justiça social.

A partir das premissas da colaboração e a formação das identidades docentes, o subprojeto de Alfabetização na EJA tem como objetivo proporcionar práticas educativas aos pibidianos na construção e análise de dados em relação a três eixos: *o entorno da escola* que permite a compreensão do papel que a comunidade de pertencimento exerce nos processos educativos a fim de levantar propostas pedagógicas que dialoguem com os problemas socioculturais e educacionais, visando a superação da exclusão social; *a imersão na escola*, que proporciona aos pibidianos/as dos cursos de Pedagogia e professores/as da EJA (supervisores) planejarem, implementarem e avaliarem propostas pedagógicas em processos de alfabetização, tendo em vista o papel dos aspectos teóricos e metodológicos; e as *pesquisas e práticas docentes contextualizadas*, que envolvem as atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas de forma colaborativa com pibidianos/as, supervisoras/es e coordenadoras/es dos Núcleos, com base em evidências científicas, em formatos diversificados que permitam que as ações alcancem diferentes públicos.

Desse modo, o presente relato tem por objetivo apresentar uma das propostas pedagógicas desenvolvidas durante o primeiro semestre de 2025 na sala de alfabetização da EJA, no Termo II, em uma escola localizada em um bairro periférico da cidade de São Carlos - SP. Trata-se, portanto, de expor as contribuições e reflexões das pibidianas junto com a





professora supervisora e a coordenadora de área do PIBID sobre a atividade que desenvolveram em sala de aula da EJA, a partir do tema Carteira Nacional de Habilitação, tendo em vista o papel da cidadania social.

De acordo com dados oficiais de pesquisa, 11,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade (cerca de 7% da população brasileira) ainda são consideradas analfabetas (IBGE, 2022). Existe uma porcentagem desse público que também representa as pessoas que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, que parafraseando Arroyo (2005) trata-se da escola dos excluídos, dos que não tiveram vez nem voz nos espaços sociais e educacionais.

Nessa direção, Freire (2005) nos alerta para a relevância da educação problematizadora, como estímulo à curiosidade epistemológica que move os sujeitos a uma permanente disponibilidade para a indagação. Nesta concepção educativa de caráter progressista, o papel de educadores/as é justamente desafiar a curiosidade ingênua de seus educandos/as por meio da comunicação e intercomunicação entre os sujeitos. Portanto, não há docência sem discência, pois ambas, apesar das diferenças que as conotam, revelam o potencial criativo e comunicativo de cada sujeito que, movido pela curiosidade, constituem-se em permanente disponibilidade para esta indagação, como atividade gnosiológica que é expressão concreta da possibilidade humana de conhecer. Conforme aponta Arroyo em 2006, os educadores da EJA são desafiados a educar sujeitos que carregam a marca da exclusão, mas também a força da resistência, fato esse que exemplifica a importância de fomentar as ações do PIBID na EJA.

METODOLOGIA

Tomando como eixo a organização do trabalho pedagógico em que sobressai o papel dos professores e das pibidianas como sujeitos nos processos de planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação, destacamos a importância do diálogo e do trabalho coletivo como fundamentais para o desenvolvimento de intervenções educativas com base na criticidade que devem estar em permanente articulação com o cotidiano escolar.

A escolha do tema se deu por consulta aos e às educandas, quando a professora da sala fez um levantamento de interesses para, através deles, trabalharmos o processo de alfabetização. Em seguida, as atividades foram planejadas de forma integrada, contemplando conteúdos gramaticais, matemáticos e aspectos sociais relacionados à cidadania e à responsabilidade no trânsito, conforme detalharemos no decorrer do trabalho. As propostas buscaram desenvolver a leitura e a interpretação de textos, o cálculo e a resolução de





problemas aplicados à situações reais, como a compreensão de placas, regras e distâncias no trânsito. O uso da tecnologia teve papel fundamental nesse processo, com a utilização de slides para apresentação e sistematização dos conteúdos, além de vídeos institucionais do DETRAN voltados à conscientização sobre segurança e comportamento responsável no trânsito. Esses recursos contribuíram para tornar as aulas mais dinâmicas, visuais e próximas do cotidiano dos estudantes, favorecendo a participação e a compreensão dos temas abordados.

A primeira atividade da sequência didática sobre o trânsito teve como objetivos específicos familiarizar os estudantes com a estrutura das questões da prova teórica da CNH, promovendo a compreensão de enunciados e alternativas, e desenvolver competências de leitura e interpretação textual na área de Língua Portuguesa, além de habilidades de cálculo e interpretação de medidas, como velocidade e limites permitidos. Esses objetivos estão alinhados à *Proposta Curricular para o Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos* (p. 58), que orienta o trabalho pedagógico a partir de conteúdos contextualizados e próximos da realidade dos alunos, e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, que enfatizam a equidade, a diversidade e a aplicação prática do conhecimento. Ao tratar de normas de circulação e conduta, a atividade também contribuiu para a formação cidadã, fortalecendo valores como o respeito às leis, a preservação da vida e a convivência harmoniosa no espaço público.

A introdução da atividade aconteceu por meio de um pequeno texto informativo sobre os tipos de vias (urbanas, rurais, locais, coletoras e etc.) e suas respectivas velocidades permitidas. A leitura foi feita em voz alta, linha por linha, com cada aluno participando ativamente. Esse momento foi especialmente marcante, pois os estudantes, mesmo com dificuldades se desafiaram, ajudaram uns aos outros e se envolveram com entusiasmo. Foi possível observar o desenvolvimento da leitura, da interpretação e da autoconfiança.

Em seguida, os alunos realizaram uma atividade impressa de múltipla escolha, baseada no modelo da prova do Detran. A proposta teve como objetivo familiarizá-los com o tipo de questão que encontrarão futuramente, além de promover a fixação do conteúdo estudado. A metodologia incluiu a leitura coletiva das alternativas, seguida de debates em sala, permitindo a troca de experiências e o esclarecimento de dúvidas.

Além disso, foi utilizado um slide no formato de apresentação digital, que trazia imagens dos tipos de via. Isso contribuiu para uma melhor visualização dos conceitos e facilitou a conexão entre teoria e prática. A cada exemplo apresentado, buscava-se relacionar





com situações reais vividas pelos alunos, como trajetos que fazem até o trabalho, a escola ou em viagens.

Na atividade 2, continuando com o tema CNH, o foco foi a sinalização no trânsito, mais especificamente as luzes de sinalização do carro e a buzina. Aprender sobre a sinalização de trânsito contempla o eixo “o homem e o meio ambiente”, presente na Proposta Curricular para o Primeiro Segmento da Educação para Jovens e Adultos (p. 194), uma vez que o uso inadequado destes recursos pode vir a se tornar um problema no trânsito, sobretudo em grandes centros urbanos. O objetivo da atividade foi compreender e aplicar os usos corretos da sinalização de veículos (luzes, pisca-alerta e buzina), demonstrando através da criação de um cartaz informativo sobre segurança no trânsito. Para atingir o objetivo proposto, primeiro mobilizou-se os repertórios pré-existent dos e das estudantes em relação ao tema com perguntas como: “o que são luzes de sinalização no trânsito?”, “para que servem?”, “quais tipos de luzes de sinalização do carro vocês conhecem?”.

A partir das respostas, foi apresentado um vídeo, utilizando o computador e a televisão presentes na sala de aula para identificar as luzes e explicar seus usos e sua importância para a boa conduta no trânsito. Ressaltou-se que, embora alguns/as estudantes não tenham o interesse de tirar a carteira de habilitação, saber sobre as sinalizações afeta a todas as pessoas enquanto pedestres e que o cuidado do e da motorista inclui também aquelas pessoas que estão fora de seus carros. Por fim, foi solicitado à turma que se dividissem em dois grupos menores para elaborarem cartazes com o tema “segurança no trânsito”, uma vez que compreendemos os usos de cada luz, a sua importância para o trânsito fluir com segurança e que pedestres também se beneficiam deste conhecimento.

Para a construção dos cartazes, foi entregue aos grupos uma cartolina e palavras impressas relacionadas ao tema. Neste sentido, trabalhou-se o gênero textual “cartaz” e sua função social e a elaboração de frases, que são um enunciado de sentido completo, podendo ser constituídas de uma só palavra ou várias (Cunha e Cintra, 2024). Ao longo do processo, os/as estudantes perceberam que precisavam de mais palavras para completar suas frases, assim, foram incentivados/as a refletirem sobre os sentidos do que gostariam de informar e a escreverem o que faltava, como artigos, pronomes, preposições, pontuação, entre outros. Ao final, os grupos apresentaram os seus cartazes para a turma demonstrando as suas práticas de leitura e interpretação.

Na terceira atividade, apresentamos as infrações gravíssimas, com o objetivo de demonstrar como elas são caracterizadas e problematizar a questão.





A atividade iniciou com a escrita de um breve texto sobre o que é infração gravíssima. Após a leitura coletiva do texto, houve um debate sobre a importância de não cometer infrações, principalmente as gravíssimas. Depois, foram passadas frases na lousa, contendo infrações de todas as naturezas para que eles selecionassem apenas as gravíssimas.

Por fim, foi realizada a correção e a aula foi finalizada com uma conversa sobre o tema e a importância de seguir as regras de trânsito. Vale ressaltar que todas as atividades foram avaliadas de acordo com os objetivos propostos e junto com os/as estudantes, tendo por eixo os feedbacks individuais e coletivos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inserção de pibidianas de alfabetização na sala de aula da EJA mostrou-se uma experiência formativa rica, desafiadora e profundamente transformadora, tanto para a professora regente, quanto para os educandos/as. Ao adentrarem o espaço escolar não apenas como observadoras, mas como colaboradoras do processo educativo, as pibidianas se depararam com um público diverso, repleto de histórias, vivências e subjetividades que exigem uma escuta sensível e uma prática pedagógica comprometida com a transformação social.

Paulo Freire (1996, p. 47) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Desse modo, as pibidianas trabalharam não só o campo de ensino, mas também a construção coletiva do saber. Assim, temos que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Desde seus trabalhos iniciais no campo da educação, na década de 1950, Paulo Freire seguiu investindo em processos educativos radicalmente políticos, éticos, dialógicos, problematizadores e, portanto, emancipadores de sujeitos capazes de desvelar a razão de ser dos fatos e das relações humanas, constituídos na intersubjetividade. De acordo com sua epistemologia, que é práxis também, considera-se a existência de homens e mulheres no mundo e com os outros, admitindo que mudanças são difíceis, mas não impossíveis.

Isso implica falar de uma pedagogia emancipadora fundamentada em uma ética universal dos seres humanos, que reclama a criticidade, a solidariedade, a igualdade nas diferenças, o diálogo, o compromisso político e amoroso contra as desigualdades sociais, princípios fundamentais para defesa dos riscos colocados pela sociedade da informação e do conhecimento. Uma transformação feita a partir do diálogo, auxiliando as pessoas a buscarem os melhores caminhos por meio da reflexividade mediada pela linguagem. E que coloca em





pauta a honradez da tarefa docente, que deve ser levada em conta rigorosamente, com estudo, compromisso e cientificidade.

Freire (2003) ressalta, ainda, o compromisso que os educadores/as precisam assumir diante a questão dos conteúdos, empenhando-se na luta incessante pela democratização da sociedade, que implica a democratização da escola, do ensino e da programação dos conteúdos. Um compromisso que se faz também pela formação docente, tida também como fator decisivo no processo democrático educacional. Uma formação que respeite e valorize o pensar certo dos/as educandos/as a partir de seu saber de experiência feito, levando-os/as a anunciarem seus aprendizados nas relações estabelecidas com os outros e com o mundo comprometidos com uma pedagogia humanista-libertadora. Por fim, um compromisso que consiga romper com a hierarquia do conhecimento acadêmico historicamente usado para estabelecer hierarquias entre as pessoas na atual Sociedade da Informação.

Superar esta hierarquia requer um compromisso com a educação de qualidade. Para pensarmos e problematizarmos a qualidade da educação ofertada no Brasil em relação a EJA, primeiro é preciso compreendermos melhor esse conceito.

De acordo com os pensamentos de Davok (2007):

A expressão “qualidade em educação”, no marco dos sistemas educacionais, admite uma variedade de interpretações dependendo da concepção que se tenha sobre o que esses sistemas devem proporcionar à sociedade. Uma educação de qualidade pode significar tanto aquela que possibilita o domínio eficaz dos conteúdos previstos nos planos curriculares; como aquela que possibilita a aquisição de uma cultura científica ou literária; ou aquela que desenvolve a máxima capacidade técnica para servir ao sistema produtivo; ou, ainda, aquela que promove o espírito crítico e fortalece o compromisso para transformar a realidade social, por exemplo. (DAVOK, 2007, p.2)

Nessa direção, importantes anúncios também têm sido evidenciados sobre a EJA no Brasil e que merecem destaque. Um deles diz respeito às ações que o PIBID na EJA tem apresentado no âmbito da alfabetização, conforme descritas neste relato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já apontado, a ideia de se trabalhar com a temática da CNH partiu diretamente das inserções dialogadas com os/as estudantes, que elencaram temas que eles gostariam de trabalhar. Assim, foi possível conhecer um pouco mais dos sonhos destes sujeitos que em sua grande maioria tem o sonho de tirar a habilitação, então, trabalhar esse tema se tornou uma estratégia significativa, pois articulou o processo de alfabetização com a





realidade dos estudantes, que em sua maioria são adultos trabalhadores que lidam cotidianamente com o trânsito, seja como pedestres, motoristas ou passageiros. Essa abordagem dialoga com os princípios da pedagogia problematizadora de Paulo Freire (1987), que defende uma educação baseada no saber de experiência feito dos/as educandos/as, que envolve sempre articulação entre leitura de mundo e leitura da palavra.

Durante a primeira atividade, foram levantados debates sobre a importância de respeitar as leis de trânsito. Devido ao interesse dos(as) estudantes, foi possível notar que o tema despertou questões para além do tema CNH, adentrando as formas como os(as) educandos(as) percebem os direitos de ir e vir na sociedade, enquanto na segunda atividade, perceberam que boas condutas no trânsito vão além da atividade de dirigir, e que é preciso ter o cuidado e respeito com pedestres, com as sinalizações disponíveis e usá-las com responsabilidade.

Por fim, na terceira atividade, foi possível observar que os(as) alunos(as) refletem não somente sobre questões técnicas das infrações gravíssimas, mas sobre as consequências reais dessas infrações. Uma das questões destacadas foi a de dirigir sob efeito de álcool ou em alta velocidade (realidade citada por boa parte da turma, vista na comunidade em que vivem e cotidianamente nos jornais). Questionaram ainda o direito fundamental de ir e vir das pessoas.

Podemos dizer, portanto, que houve a compreensão do trânsito como um local de convivência social, reforçando a importância da prática dialógica como eixo central. Desse modo, o tema despertou interesse visível e profundo entre os estudantes, muitos dos quais veem a conquista da habilitação como um passo decisivo para a independência e a realização de sonhos. Durante a realização da atividade, os/as estudantes demonstraram ter olhares atentos, expressões de curiosidade e até momentos de superação pessoal, em que dificuldades de leitura ou interpretação foram vencidas com o apoio dos colegas. A sala se encheu de um sentimento coletivo de confiança e motivação, transformando o aprendizado em uma experiência viva, capaz de unir conhecimento e propósito.

As pibidianas, ao planejarem atividades que envolviam leitura de placas, interpretação de textos informativos sobre regras de trânsito, escrita de palavras relacionadas ao tema e simulações de situações reais, favoreceram a aprendizagem de forma contextualizada. A construção coletiva de sentidos a partir de imagens, palavras e textos sobre o trânsito permitiu que os estudantes se engajassem ativamente no processo de alfabetização, sentindo-se respeitados em suas vivências e estimulados a aprender.

Soares (2004) diz que a alfabetização de adultos deve considerar a funcionalidade da leitura e da escrita na vida do sujeito. Nesse sentido, trabalhar com o tema CNH não apenas





favoreceu o desenvolvimento da leitura e escrita, mas também proporcionou um espaço de reflexão sobre cidadania, direitos e deveres no trânsito. As pibidianas, ao lado da professora regente, agiram como mediadoras desse processo, propondo atividades com intencionalidade pedagógica e afetiva.

Além disso, a prática colaborativa entre pibidianas e professora favoreceu a formação docente, pois proporcionou momentos de troca de experiências, planejamento conjunto e avaliação coletiva das práticas pedagógicas. Essa parceria promoveu um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, inovador e sensível às particularidades dos estudantes da EJA.

Conforme Nóvoa (1992), é na colaboração e na partilha de saberes que os professores constroem sua identidade profissional. Ao participar ativamente do cotidiano escolar, as pibidianas aprenderam a valorizar o diálogo, a escuta e o respeito às trajetórias de vida dos alunos, elementos essenciais na prática pedagógica com jovens e adultos da EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui apresentado revela potencialidade na participação de pibidianas nesta modalidade tanto para sua formação como futuras educadoras quanto para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem. Ao atuar de forma colaborativa com a professora regente, as pibidianas contribuíram com novas metodologias, olhares atentos às necessidades dos estudantes e propostas pedagógicas contextualizadas. Nesse sentido, destaca-se, ainda, o potencial das discussões teórico-práticas desenvolvidas durante todo o processo formativo juntamente com toda equipe.

Dessa forma, o trabalho realizado com a temática da CNH ofereceu importantes contribuições tanto para alfabetização quanto para formação cidadã dos/as estudantes da EJA. O relato da vivência reforça a importância de uma educação contextualizada, crítica e transformadora, que reconhece o potencial dos sujeitos envolvidos e valoriza o aprendizado construído em coletivo.

REFERÊNCIAS





ALMEIDA, Maria Isabel de. DI PIERRO, Maria Clara. JOIA, Orlando. MANSUTTI, Maria Amábile. MENDES, Margarete. Artacho, de Ayra. RIBEIRO, Vera Maria Masagão (coordenação e texto final). SILVA, Dirceu da. VÓVIO, Cláudia Lemos.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ARROYO, Miguel. *Ensino médio e EJA: sujeitos e saberes em trânsito*. Brasília: Liber Livro, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 8 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: Alfabetização – Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em: 09 out. 2025.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação; AÇÃO EDUCATIVA. *Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular – 1º segmento*. Coordenação e texto final de Vera Maria Masagão Ribeiro. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239 p.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-18, 2004.





RIBEIRO. Vera Maria Masagão et al. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p.

